

# **Editorial**

2022 marca a passagem dos duzentos anos da declaração da independência do Brasil relativamente ao país colonizador, Portugal. Outro centenário tem também lugar este ano, o da Semana de Arte Moderna de São Paulo de 1922, que a *Língua-lugar* quis assinalar neste quinto número. Assim, ele é composto por um dossiê especial “Após a Semana (e um pouco mais de) um século”, coordenado por Eduardo Jorge de Oliveira e André Masseno, que reúne cinco artigos. Como indicam os coordenadores, o dossiê incide sobre “obras, momentos históricos e conceitos que produzem ressonâncias e tensões em torno do acontecimento”, indo assim para lá da Semana de Arte Moderna e, ao mesmo tempo, mostrando a diversidade dos seus impactos.

Um primeiro artigo, o de Rafael Cardoso, trata da receção da Semana de Arte Moderna e do modernismo paulistano pela imprensa da então capital do Brasil, Rio de Janeiro, na primeira metade dos anos 1920. Esta análise histórica é tão mais relevante por visitar um mito: ao contrário da análise “triumfalista” da Semana de Arte Moderna posteriormente construída, o impacto do evento fora de São Paulo foi na verdade limitado. Com efeito, foram disputas pela “liderança” do movimento e conflitos posteriores entre Mário de Andrade e Oswald de Andrade que acabaram por dar projeção à Semana de 1922 nos anos que se lhe seguiram.

Três artigos do dossiê são dedicados ao “Manifesto Antropófago” de Oswald de Andrade, publicado em 1928. O artigo de Gonzalo Aguilar analisa os questionamentos apresentados pelas vanguardas modernistas

ao corpo humano, nomeadamente pelo movimento antropófago, que se arvorava como crítica ao “modelo patriarcal, colonialista, comprometido com um projeto modernizador”. É nesse sentido que Oswald de Andrade se apropria das experiências de Voronoff (transplantes de glândulas de macacos em humanos) para quebrar barreiras e questionar o funcionamento da “máquina antropológica”. A ideia de desconstrução é ainda trabalhada por Alexandre Nodari, que, ao tentar decifrar os sentidos do sujeito narrativo do “Manifesto”, mostra como o texto e a sua antropofagia desconstruem a noção e os referentes da identidade nacional, nomeadamente indo contra os legados coloniais. Já Beatriz Azevedo analisa o “Manifesto” em paralelo com um texto de Mário de Andrade também publicado em 1928. A autora demonstra como os dois escritores, ao estabelecerem diferentes diálogos com referências da cultura ocidental/colonizadora, apropriando-se delas, não procuram estabelecer uma identidade nacional brasileira.

O dossiê fecha com um artigo de Cristiano de Sales e Tiago Hermano Breunig, que explora a poética de Mário de Andrade, concretamente na forma como esta se apropria da cidade de São Paulo enquanto cenário em dois momentos distintos e como é veículo de uma visão da modernização que vai da expectativa à desilusão.

A secção Varia dá continuidade ao tema do dossiê especial, incluindo duas resenhas críticas de obras de Oswald de Andrade e um artigo de Julio Mendonça sobre Haroldo de Campos e o respetivo percurso que evoluiu no sentido da afirmação da mobilidade e da incerteza como abordagem metodológica.

Este quinto número é inteiramente dedicado a aspetos da criação literária e artística brasileira subsequente ao momento “fundador” da Semana de Arte Moderna. Uma das preocupações do número é também explorar as tensões que se encontram nessa criação, que refletem tensões culturais, sociais e políticas mais vastas. Elas são ainda exploradas na entrevista que a *Língua-lugar* teve a honra de obter com o poeta Ricardo Chacal e nos trabalhos apresentados na secção Fora do lugar. Chacal oferece-nos um fascinante testemunho que revisita o seu percurso começado na contracultura brasileira dos anos 1970 e que desembocou recentemente na utilização das redes sociais digitais como veículo poético.

Já a secção Fora do lugar apresenta colagens de Denilson Baniwa, que questionam e revertem representações do Brasil, em particular no que diz respeito às hierarquias de poder colonial e às representações das popu-

**10**

lações indígenas. O questionamento e a subversão de linhas e limites propostos pela Semana de Arte Moderna e as “ressonâncias” ao longo da década de 1920 têm um lastro duradouro, os seus impactos são efetivamente múltiplos.

---

**DOI** <https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2022.e968>